



**SONHOS & MEDOS – O QUE GUARDO NA BOLSA AMARELA? – UM
RELATO DE EXPERIÊNCIA**

**DREAMS AND FEARS – WHAT DO I HAVE INTO THE YELLOW
BAG? – AN EXPERIENCE REPORT**

**SUEÑOS Y MIEDOS - ¿QUÉ GUARDO EM LA BOLSA AMARILLA? –
UM RELATO DE EXPERIENCIA**

Luciane Botelho Martins¹

RESUMO: A educação é feita de desafios. Hoje, mais do que nunca, se faz necessário não só pensar/refletir, mas também agir em prol de um ensino que ultrapasse os limites do aprendizado formal. É necessário formar sujeitos humanos capazes de sonhar e de vencer o medo, sujeitos capazes de transformar a sociedade machista, homofóbica e intolerante, na qual vivemos, em uma sociedade que preze pelo respeito e pela igualdade de gênero. Movida por esse desejo, comecei a participar do GESE, em 2017. Ao longo do ano, instigada pelas reflexões que o grupo proporciona e pela brilhante obra de Lygia Bojunga – A bolsa Amarela –, desenvolvi com alunos do 5º ano da rede pública municipal de ensino um trabalho que alia leitura, reflexão, tomada de posição e produção escrita. Trabalho esse que passo a descrever neste espaço, como um relato de experiência que faz valer a profissão que escolhi: “ser educadora”.

PALAVRAS-CHAVE: Igualdade de gênero. Leitura. Escrita. Diário.

RESUMEN: Educación está hecha de desafíos. Hoy, más se hace preciso no sólo pensar/reflexionar, sino también actuar en favor de la enseñanza que traspase los límites del aprendizaje formal. Es necesario formar sujetos humanos que puedan soñar y vencer el miedo, sujetos que puedan transformar la sociedad machista, homofóbica y intolerante, en que vivimos, en una sociedad que aprecie el respeto y la equidad de género. Movida por ese deseo, comencé a participar del GESE, en 2017. A lo largo del año, instigada por las reflexiones que el grupo proporciona y por la brillante obra de Lygia Bojunga – La bolsa Amarilla – desarrollé con los estudiantes del quinto año de la rede pública municipal de enseñanza un trabajo que alía la lectura, las reflexiones, el informe de posición y la producción escrita. Trabajo que paso a describir, como un relato de experiencia que faz valer la profesión que he elegido: “ser educadora”.

¹ Atualmente é professora dos Anos Iniciais pela Prefeitura Municipal de Rio Grande e professora substituta na Universidade Federal de Pelotas, atuando na área de Linguística e Língua Portuguesa. Mestre em Letras pela Universidade Católica de Pelotas – UCPel, pedagoga e graduada em Letras Português Inglês, pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG (2015 e 2001 respectivamente). Possui Pós-graduação em Pedagogia Gestora pela UNIVEST - Lages (2003) e Pós-graduação em Linguística e Ensino de Língua Portuguesa - Furg (2014).

PALABRAS CLAVE: Equidad de género. Lectura. Producción escrita. Diario.

ABSTRACT: Education is made of challenges. Nowadays, more than before it is necessary not only think/reflect about, but also act in order to have an education that exceeds limits of a formal learning. It is necessary to form human beings, who are able to dream and to overcome the fears, people able to transform the sexist society, homophobic and intolerant, where we live in, into a society that appreciates the respect and gender equity. Driven by this desire, I started to participate of GESE, in 2017. Throughout the year, I was instigated for all reflections provided by the group and by the brilliant work of Lygia Bojunga – The Yellow Bag. So, I developed with 5th grade students of public school, a work that allies reading, thinking, opinion and writing. On this work, I shall describe how an experience report could make the profession I choose to be worth: “to be teacher”.

KEYWORDS: Gender equity. Reading. Writing. Diary.

“Descobri que a leitura é uma forma servil de sonhar. Se tenho de sonhar, porque não sonhar os meus próprios sonhos?”
Fernando Pessoa

Primeiras palavras

Começo esta escrita com o pensamento de Fernando Pessoa porque esse me afeta duplamente. Primeiro, por tratar-se do tema sobre o qual dedico minhas pesquisas – a escrita – e, segundo, por instigar uma reflexão sobre a possibilidade de sonhar os próprios sonhos. A educação é feita de sonhos e objetivos que se busca incessantemente atingir. Assim, aliando educação e sonhos o trabalho vai sendo tecido.

Em 2017, fui capturada pela proposta do Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola - GESE, que chegou até mim, através do site da FURG. Meu interesse pelos estudos de gênero e raça surgiu há algum tempo, não sei precisar. Práticas de segregação na escola e na vida sempre me incomodaram. Entre essas práticas cito algumas, muito simples, porém naturalizadas: fila de meninos X fila de meninas; meninas na frente, meninos atrás; entre tantas outras.

Minha inquietação só aumentou quando percebi que as práticas que eu presenciava na escola eram apenas a ponta do iceberg, pois casos de violência doméstica sofridas por alun@s são muito mais frequentes na comunidade, do que se possa imaginar. Ao pensar sobre essas questões vi-me diante do desafio de propor algo.

Certa do meu papel de “educadora” e “pesquisadora”, apresento alguns passos do Projeto que está em andamento nas turmas de 5º ano (turmas 51 e 52), onde atuo

como professora das disciplinas de Língua Portuguesa, História, Geografia e Arte, em uma escola da rede pública em Rio Grande - RS.

Ao assumir as turmas, logo nos primeiros dias de aula, percebi um vocabulário machista e preconceituoso. Ao solicitar algumas escritas ou até mesmo ao verificar as tarefas, percebi também, que @s alun@s deixavam escapar angústias como discussões, brigas e violência em casa.

A partir dessa realidade é que veio o desafio: Como desenvolver a reflexão crítica d@s alun@s sobre esses acontecimentos? Como tornar as aulas prazerosas, visto que diante de tantos problemas as crianças vão para a escola por obrigação?

Nasce o projeto

Movida por essas perguntas surge o projeto *Sonhos & medos – O que guardo na bolsa amarela?* (Figura 1). A inspiração para o trabalho veio da obra *A bolsa amarela* de Lygia Bojunga. A obra trata de uma menina – Raquel – que, por ser a caçula, é impedida de fazer muitas coisas. Ela tem vontades que lhe são negadas por ser menina, daí o primeiro conflito da protagonista, o desejo de ter nascido menino. A obra possibilita uma série de reflexões sobre as convenções impostas socialmente do que é ser menino e o que é ser menina. De acordo com Zoppi-Fontana e Ferrari,

[...] as identificações de gênero configuram as práticas discursivas ao mesmo tempo que se configuram nelas, como efeito de um processo de interpelação complexo e contraditório, no qual as identificações de gênero se articulam e outras identificações nos processos de constituição do sujeito do discurso (2017, p. 9-10).

Dada a definição das autoras, podemos dizer que as identificações de gênero não correspondem ao sexo biológico dos sujeitos, mas às construções sociais que determinam padrões, lugares hierárquicos para os sujeitos. É pois na bipolaridade (homem X mulher) que se constroem os discursos da exclusão e segregação. Note-se ainda que as identidades de gênero como práticas discursivas se materializam nos textos produzidos pelos sujeitos alun@s.

Figura 1 – Bolsa amarela utilizada no desenvolvimento do Projeto



Fonte: autora

E é assim, movida pelo pensamento do mestre “...é preciso ‘ousar se revoltar’ [...] é preciso suportar o que venha a ser pensado, isto é, é preciso ‘ousar pensar por si mesmo’” (Pêcheux, 2009, p. 281), que propus um trabalho crítico reflexivo, baseado nos exercícios da leitura e produção escrita.

O “carro chefe” do projeto são os diários, cada alun@ tem a sua bolsa amarela e o seu diário. No diário, são registrados textos produzidos pel@s alun@s a partir de problematizações que surgem das obras literárias lidas diariamente em sala de aula – cada dia um capítulo. Questões levantadas nas obras são discutidas e relacionadas às questões do bairro e da cidade. Trata-se de um movimento reflexivo: ficção & realidade. O trabalho começou em abril de 2017. Trabalhamos com “Malala, a menina que queria ir para a escola”, “Malala, uma menina muito corajosa”, “Iqbal, um menino muito corajoso”, “A bolsa amarela”, “Eugênia e os robôs”, “Chapeuzinho esfarrapado e outros contos feministas do folclore mundial”, atualmente estamos trabalhando com “Coisas de menino” e o próximo será “Pinóquia”.

Além do trabalho de escrita nos diários, produzimos: pipas (símbolos de liberdade); acrósticos sobre as qualidades de Malala; robôs de sucata (uma representação da tecnologia que por vezes desumaniza as pessoas); poemas que visam valorizar o meio em que vivemos, entre outras atividades.

Percebo que o trabalho vem apresentando algumas mudanças práticas: a turma não divide mais a fila e os trabalhos em grupos são organizados de forma mista, desnaturalizando grupos exclusivos de meninos ou meninas.

Sobre os diários, vale registrar que ficam guardados na sala de aula e só podem ser lidos por quem @ estudante desejar. Trabalhamos com o respeito e a confiança, na prática. Certo dia, alguns estudantes pediram para ler seus textos em voz alta para que

@s colegas apreciassem seu(s) texto(s), um momento riquíssimo de escuta do outro e de aprendizagens.

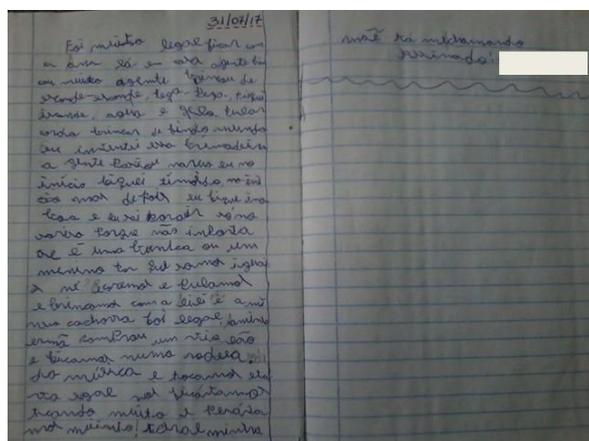
Outro movimento do nosso projeto são as personagens Ana e Vítor. @s bonec@s surgiram da necessidade de se discutir, também, as questões de raça. Seguindo a mesma lógica da escrita de diários, construí um diário para cada personagem e uma bolsa (Figura 2). Na bolsa, além da personagem e do diário, vão também caneta e um livro de história para ser lido pel@ estudante durante o dia em que a personagem estiver em sua casa. No diário, cada estudante registra como foi/é passar um dia com a personagem. Trata-se de um diário de escrita coletiva (Figura 3).

Figura 2 - Personagens Ana e Vítor e seus diários



Fonte: autora

Figura 3 – Registro nos diários d@s estudantes



Fonte: autora

É importante salientar que a primeira página do diário da Ana e do Vítor tem uma apresentação do projeto e da personagem. A turma 51 adotou o Vítor, nome escolhido pela turma e a turma 52 adotou a Ana. As ideias dos alunos foram organizadas por mim e resultaram nos textos dispostos ao lado.

As personagens já visitaram as casas de tod@s @s estudantes da sua turma e agora trocaram de turma e estão em uma nova fase de visitas. O mais curioso nesse trabalho foi a resistência inicial de alguns meninos ao levar @ bonec@ para casa e isso ficou registrados nos diários. Tomei a liberdade de colocar aqui um dos registros porque trata-se de um texto compartilhado, no diário das personagens não há segredo! (ocultei a autoria, por questões éticas).

Palavras intermediárias, como efeito de fechamento

As escritas revelam dois movimentos: o primeiro, da resistência e o segundo, da conscientização de que a divisão e o preconceito é uma construção da sociedade, e é preciso lutar contra todo o tipo de segregação, pois somos tod@s gente! E, gente deve respeitar e ser respeitada.

Nesse ponto do relato, eu gostaria de retomar a epígrafe deste texto para dizer que é possível sonhar o nosso sonho, talvez não consigamos mudar o mundo, mas com pequenos gestos, com pequenas práticas estaremos semeando para o futuro.

Os desafios são muitos e estão postos. “Fazer algo” depende de cada um de nós, depende dos sonhos que nos movem. O meu? A IGUALDADE DE GÊNERO E RAÇA!

Referências:

PESSOA, Fernando. **Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação**. Tradução de Jorge Rosa. Lisboa: Ática, 1966. p. 22.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni P. Orlandi (et al.). 4 ed. Campinas: Unicamp, 2009. 287 p.

ZOPPI-FONTANA, Mónica & FERRARI, Ana J. **Mulheres em discurso: Gênero, linguagem e ideologia**. V. I. Campinas: Pontes Editores, 2017. 275 p

Submetido em: 10/12/2017

Aceito em: 07/02/2018